

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. XVI O CULTO POÉTICO POPULAR E ROMEIRINHO A NOSSA SENHORA.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. XVI O Culto Poético Popular e romeirinho a Nossa Senhora. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2) Jan.-Jun. 1955, p. 41-95.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Curiosidades de Guimarães

XVI

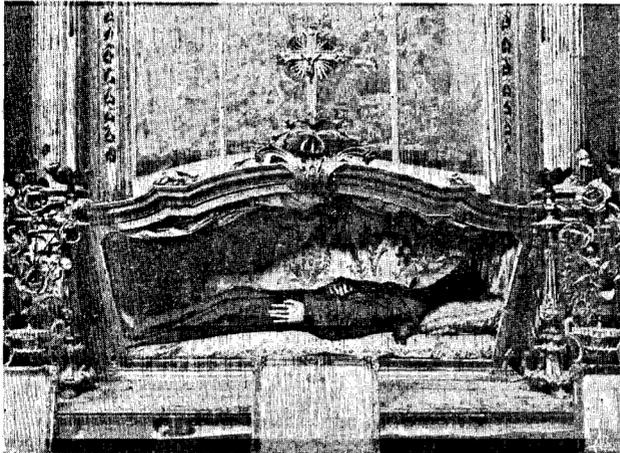
O culto poético popular e romeirinho a Nossa Senhora

(Cont. do vol. LXIV, pág. 461)

Por ALBERTO VIEIRA BRAGA

S. Gualter.

«Foi no lugar que hoje chamam Fonte Santa, à raiz da serra de Santa Catarina ou da Penha, que S. Gualter passou os primeiros tempos que viveu no nosso país. Conjectura-se, porém, que a permanência ali foi de curta duração, porque, obedecendo aos pedidos dos vimaranenses, trocou este retiro por outro ponto mais próximo da vila.

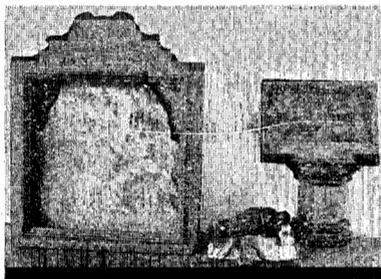


*S. Gualter, no altar da igreja de S. Francisco.
Esta imagem está presentemente na igreja do
Campo da Feira.*

Abandonando este lugar, começaram os devotos a afluir ao novo conventinho.

A água que de entre as rochas deslizava, e que o bem-aventurado santificara com o contacto de seu puro e macerado corpo, começou a operar curas maravilhosas.

Todos os anos, o dia do Santo era celebrado com solenidade, «era de guarda, acompanhado de festas, e d'hua feira geral, que deu nome a hum campo chamado ainda hoje o *campo da feira* vizinho da mesma villa».



Relíquias de S. Gualter, incluindo a cabeceira de pedra, do Santo, e um quadro de milagre.

Além desta celebração, havia outras durante o ano, em acção de graças «como forão huas famosas festas no anno de 1630, que fez pela saude d'hum filho Gonçalo Teixeira Coelho, e durarão sinquo dias».

Conforme mandam os Estatutos, continua a celebrar-se todos os anos a festa do Santo, no primeiro domingo de Agosto, mas do

antigo esplendor com que se faziam, pouco resta.

Com a *água da Fonte Santa*, foram são nove tolhidos e aleijados: dous enfermos de chagas incuráveis: um que tinha o braço apostemado: dous de inchaços disformes: sete de tumores e lobinhos na boca e nas ventas e nas lagrimais dos olhos: uma mulher com a mão semeada de verrugas: e um homem quase cego.

Diante de seu sepulcro tiveram saúde: dous asmáticos; uma surda; quatro cegos; um mancebo que não via por razão duma belida; uma moça derreada, que andava de gatinhas; uma mulher tolhida em todo o corpo, e outra de ambas as mãos aleijada; mais um menino de dous anos que nascera com os pés pega-

dos às costas e com as mãos retorcidas e fechadas, dentro das quais criava bichos.

Estes prodígios são enumerados sumariamente, ou porque assim o eram também nos processos e memórias, ou porque deles só havia a tradição perpetuada nos ex-votos que guarneciam as paredes do templo.

De um, porém, dá-se mais circunstanciada relação, na seguinte dramática forma: «Outro menino de oito anos, o qual era paráltico, trouxe sua mãe de Braga metido numa canastra, e fazendo uma novena disse com angústia de alma: *Glorioso são Gualter, ou me dai saude a este filho ou lhe dai logo a morte, pois sabeis que por minha pobreza o não posso sustentar*».

E foi atendida, porquanto o menino saltou fora da canastra.

Advertem, porém, os cronistas que também os ausentes que recorriam a ele logravam boa ventura por sua intercessão. E citam: Dous parálticos, dous aleijados, três enfermos, que *ofereceram as muletas e as mortalhas*.

Tantas maravilhas iam tornando Gualter sempre mais famoso, e o seu culto espalhava-se cada vez mais ao longe» (1).

1

S. Gualter de Guimarães,
Vou beber à Fonte Santa,
Já que os milagres são tantos
Que toda a gente se espanta.

2

S. Gualter é grande Santo,
Foi um grande pregador;
Nunca deixou de pregar
A santa lei do Senhor.

3

S. Gualter, Santo querido,
Onde fica o vosso altar?
As promessas que vos dão
Aonde é que vão parar?

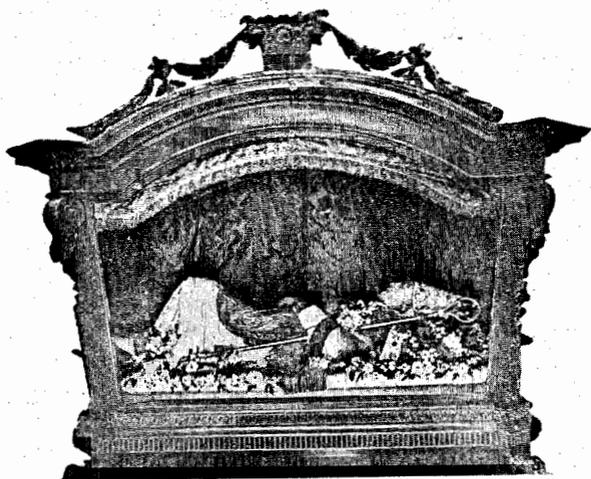
4

Ao santo senhor S. Roque,
O S. Gualter desta terra,
Pedi para um convento
Um naco da sua serra.

(1) Ver o precioso estudo sobre «S. Gualter de Guimarães», pelo P.^e Aloísio Tomás Gonçalves, «Revista de Guimarães», vols. XXXIII, XXXVII e XXXVIII págs. 215, 104, e 128.

S. Torcato.

Teremos agora de seguir a marcha peregrina e psálmica dos romeiros, entre os louvores e as graças da promessa e da oração, através da via-sacra dos Santos mais calhados ao ideal de esperanças dos cortejos sofredores. Os versos de adoração e de amor que lhes dedicam, os quadros comemorativos de milagres que lhes ofertam, os círios, as figurações, as tranças de cabelo e as mortalhas que lhes levam,



S. Torcato

são a mais viva crónica duma devoção com reverberações de perenidade, o fiel inventário de todas as histórias de intercessão divina, reflexo luminoso no horizonte vasto dos mistérios de nutrimento espiritual.

Não faremos a história hagiológica dos Santos, porque os entendemos pelo aprazimento comum da humildade e da sua formação tradicional; nem a história dos templos e dos mosteiros, porque é erudição implantada, cansativa e nem sempre certa; nem a história dos milagres, porque é beatitude

reservada santamente aos inebriados do Senhor, a mais porque, melhor nos interessa, na particularidade da devoção e afeição, o fervor e o culto respeitoso, a par da piedade e da oração constricta como manifestamente são expandidos ante os altares, pela gente sofredora e aflita, ou pelos affectuosos dos amores mal correspondidos ou arrumados.

Estes, de facto, também fazem os seus pedidos e satisfazem as suas escondidas promessas, embora manifestamente não as proclamem, mas sinceramente as segredem, uma vez por outra, num espaço curto de versos coxos, quando em festas de arraial, nos adros ou nas danças, se debicam derriçosos à viola, em desafios lestos.

S. Torcato, é um santo românticamente representativo no trânsito corpóreo por este mundo, lendário na tecitura das jerarquias, mas popular.

«O S. Torcato, o cadáver vivo de milagres, ganhou lugar proeminente entre os santos de maior, mais variada e complexa reputação milagrosa, e, coisa notável e rara, a fama de santo milagreiro manteve-a sem desprestígio, antes com mais largo e fundo renome, pelo meio de uns poucos de séculos, chegando alumiada a nossos dias, prendendo sem deslaçar as mãos que uma vez se lhe ergueram em súplica» (1).

O calendário da vida de S. Torcato, é tão variado, no objectivo dos sentidos e do espírito, e na verdade natural das suas acções e das suas práticas favorecidas, arrenegando do mal e pregando a constância e o amor sobejante da virtude, como a musicalidade da natureza, nas mutações da primavera até o derranque do outono. Deu-se em frutos, para

(1) «S. Torcato» estudo de Eduardo d'Almeida na «Rev. de Guimarães», vol. XXXIV, pág. 262. Ver neste trabalho o delicadíssimo tema dos milagres, a inquirição, o mapa dos mesmos e a legenda dos quadros votivos, e conferir com a *Vida Preciosa e Glorioso Martyrio de S. Torquato*, por Domingos da Soledade Sillos.

morrer depois no desconforto, em postura flectida e incorruptível, ficando assim, pela força do destino, ao alcance da veneração humana.

<i>Pois logo que o mártir Santo,</i>	<i>Desde Monção até Sagres,</i>
<i>Em favor nosso ergue a voz,</i>	<i>Narram os devotos seus,</i>
<i>Acabam a dor e o pranto</i>	<i>Mil estupendos milagres</i>
<i>E os p'rigos fogem de nós.</i>	<i>Que alcançaram de Deus. (1)</i>

Antes, porém, de colhermos o linguajar dos versos populares a S. Torcato, teremos de recordar três folhetos de cordel. Este Santo, desde as romarias mais antigas, algazarrentas de foliões, de festas e de chaguentos pedintes, ao serviço das esmolas e dos furtos, onde acudiam as violas, os tambores, os pandeiros, os ferrinhos, as rabecas, os cegos e os menestreis de caminho, com saquiteis de panfletos e com panais vermelhuscos e pandemónicos dos crimes nefandos e lancinantes praticados por esse mundo fora, este Santo, como famos dizer, foi o maior e mais fértil inspirador da veia poética do nosso povo, que ali se debatia em crespas lufadas, ao desafio e à porrada.

Neste arraial, ondulava toda a poesia sarmentosa dos vales mais distantes de Entre-Douro-e-Minho.

Relatemos então a história livresca dos três folhetos de cordel, hoje esquecidos e talvez raros, dados à estampa, de enfiada, no ano da graça de 1877, por três ilustres e desconhecidos poetas vimaranenses, de quem não conseguimos apurar os mais leves rastros da sua identidade nem da sua personalidade versejadora ou literária, embora conservemos esses folhetos, há muitos anos, numa pasta de curiosidades panfletárias de Guimarães, que possuímos, com recheio variado, entre o meloso e o picante.

(1) De um primitivo hino a S. Torcato.

1.º folheto: VERSOS A S. TORQUATO

POR

L. A. FIGUEIRAS

Para serem cantados pelos romeiros no estylo do S. João.

Guimarães, Typ. do «IMPARCIAL»

1877.

O autor embebeu-se no rodopio alteroso da festança profana, nos costumes de exteriorização pandegosa, focou o panorama das circunvizinhanças, integrou-se no espírito romarieiro dos que iam com a sua devoção ou na folga do divertir, e deu-nos 40 quadras impressas, no correntio debulhadoiro da singeleza coteira, sendo certo que assim desprendidas, à troche-moche, picadas e mordidas pelo esguicho pouco voluntário da inspiração, elas se tornaram populares, ou eram já popularizadas, como mais adiante veremos.

2.º folheto: PARODIA

AOS

Versos de Figueiras, dedicados
a S. Torquato.

POR

Juliano Gaston

Ridendo Castigat Mores

Julho de 1877.

3.º folheto:

OS ALGOZES DE S. TORQUATO

Poemeto em dois cantos

(A propósito de uns versos de S. Torquato, de A. L. Figueiras e uma paródia aos mesmos versos de Juliano Gaston).

POR

Um pobre diabo que não sabe latim

1877.

Cantemos alguns versos do 1.º folheto, afastando os de melodia mais corriqueira:

1

S. Torcato, corpo santo,
Que na vossa capela 'stais,
Sede louvado e bendito
De todos, cada vez mais.

2

S. Torcato, corpo santo,
Pela vossa devoção,
Vinde ver os vossos padres
Fazendo uma função.

3

Chorem meus olhos com ânsia,
Chorem todos os vindouros,
Chorem todos S. Torcato
Que foi morto pelos mouros.

4

S. Torcato, corpo santo,
Tendes jardim em Lobeira (¹),
Mandai-o regar, meu santo,
Por uma moça solteira.

5

S. Torcato, corpo santo,
Vós sereis o conselheiro
Da rainha portuguesa
E de D. Luís primeiro.

6

S. Torcato, corpo santo,
Que dais a quem vos vai ver?
Dou-lhe água da minha fonte
Se a quiserem beber.

7

S. Torcato, corpo santo,
Que tendes ao vosso lado?
Tenho um convento de frades,
Hoje deserto e calado.

8

S. Torcato, corpo santo,
Que dais a quem vos visita?
Às casadas bom marido,
Às solteiras boa dita.

9

S. Torcato, corpo santo,
Pela vossa devoção,
Ressuscitai esses frades
E também o guardião.

10

Oh! que belo baptizado
Se fez lá na Corredoura! (²)
S. Torcato foi padrinho
Duma cristã que era moura.

11

S. Torcato, corpo santo,
Oh! pela vossa bondade,
Dai vida ao guardião
E à sua comunidade.

12

S. Torcato, corpo santo,
Que tendes nos vossos tesouros?
Tenho um cajado de prata
Para expulsar os mouros.

(¹) Freguesia de S. Cosme da Lobeira, vizinha de S. Torcato.

(²) Lugar dos mais populosos da freg. de S. Torcato.

13

S. Torcato, corpo santo,
Vinde a cima, ao Mosteiro,
E vereis como esta gente
Vai acender um pinheiro.

15

S. Torcato, corpo santo,
Vossos sinos são de latão;
Mandai fazê-los de ouro
Ao menos um carrilhão (1).

17

S. Torcato, corpo santo,
Mandai sol, que quer chover,
Não deixeis molhar a roupa
À gente que vos vem ver.

19

Hei-de ver se para o ano
Posso à romagem ir;
Não para vos levar nada,
Mas antes p'ra vos pedir.

21

Não quero riquezas muitas,
Ouropeis que fazem rir;
Quero paz p'ra minha alma,
Graça para a Deus servir.

23

S. Torcato, corpo santo,
Que dais aos vossos romeiros?
Dou-lhe água da minha fonte
Sombra dos meus castanhei-
[ros.

25

Defronte de S. Lourenço (2)
Está uma rosa amarela;
Está ele e S. Torcato
Dentro da sua capela.

14

S. Torcato, corpo santo,
Que tendes na mão, que luz?
Tenho um anel d'Arcebispo
Para o Menino Jesus.

16

S. Torcato, corpo santo,
Vinde abaixo ao terreiro,
Vinde, vinde, pressuroso
Vinde ver tanto romeiro.

18

Pois tu foste ao S. Torcato
E nem os doces me trouxeste?
Ninguém, mais mau que ele
Fazia o que tu fizeste. [fosse,

20

S. Torcato, tende conta,
Fechai as portas, senão,
Alguém pode, sem grande
Pegar no que vos dão. [custo,

22

S. Torcato, corpo santo,
A vossa capela cheira,
Cheira a cravos, cheira a rosas,
Cheira à flor da laranjeira.

24

Se fores ver o S. Torcato,
Trás de lá uma lembrança;
Ao menos uma estampa,
Que nos dê conforto e es-
[p'rança.

26

S. Torcato, corpo santo,
A vossa fonte é sagrada;
Tem águas puras, com elas
Toda a ferida é curada.

(1) Dá-nos duas variantes nos dois versos finais:

Mandai fazê-los de ouro,
Que os quer o capelão.

Mandai fazê-los de prata
Que os quer o sacristão.

(2) Freguesia vizinha de S. Lourenço de Selho.

O anónimo autor do 3.º folheto, *Os algozes de S. Torquato*, descompondo num malhar de acometida crítica, a faisca pederneira dos sanfoneiros subscritores dos dous primeiros folhetos, vai-lhes serri-lhando a casaca, e amostrando a tabuleta, para que lobriguemos, sem custo, da sua personalidade profissional e torjicadora de madurezas.

.....
Torcato assim falou, depois, com voz magoada:

Eu queixo-me, Senhor, de dois malditos
 Que em versos incomodam minha paz,
 Em versos tão errados e mal escritos,
 Que iguais nem mesmo o Rosalino os faz,

Um ourives, oh! Deus! ... um desalmado,
 Que em vez de em ouro e prata buscar glória,
 Mil cantigas me fez de pé quebrado,
 Mil tolices que pedem palmatória!...

Padre Eterno! ... eu peço que me acudas! ...
 O tal ourives parvo é Figueiras! ...
 Dá-lhe em castigo o fim que teve Judas! ...
 Morra no apelido co'as asneiras ...

O segundo, Senhor, é Juliano,
 Que tem sabedoria tão serôdia,
 Que, parodiando verso transtagano,
 Sai maior disparate inda a paródia!

Este herói é um mau; é um perverso
 Que não conhece o metro e altera o verso.

.....

Juliano Gaston é embusteiro,
 Acredita, Senhor, a prova tens
 Se fores perguntar p'lo brasileiro
 De Portugal ao berço, a Guimarães.

Insultaram a arte de Castilho,
 Que tome conta deles o bom Plutão;
 Deviam roer palha e comem milho
 E escouceiam a metrificaçã!...

Depois de ouvir a queixa a S. Torcato,
 Em altas vozes diz o Padre Eterno,
 Irado, arrancando a barba branca:
 — P'ra eles ... e ainda isto é barato,
 Que se abra no inferno a porta franca!...

Assoma a S. Torcato um riso terno;
 Não colhe uma vingança obra de feira!...
 Contento Satanás sorri no inferno,
 Deitando mais carvão sobre a fogueira!...

Alguns versos do Figueiras, que já agora sabemos ser um modesto ourives de profissão, poeta popular pelo desarranco do estilo, do conceito, da rima e do manquejamento métrico, alguns versos deste lírico chilreador, entraram no ouvido do povo, tendo dado também, por afiguração, certos lamirés cantarolados, para o amanhã e transplantação numa variedade crescente de motes caminheiros e romarieiros.

Outro vate popular da mesma laia, foi o *Indício Rijão*, leiloeiro-mor de todas as rifas festeiras do Minho, que em 1905 deu à publicidade um folheto de 14 páginas, impresso na Tipografia Tirsense. Cada folheto custava 40 réis. Possuimos o exemplar n.º 1778.

O *Rijão*, conta ele, bateu-se um dia ao desafio com um sabichão daldeia, sabichão das dúzias, fiado nas suas tamancas:

1

— Boas-tardes, Rijãozinho,
 Boas-tardes te vou dar;
 É hoje que vais saber
 Como é a regra do cantar.
 A bazófia que tu tens
 Eu hoje t'á vou tirar

2

— Não aceito as boas-tardes
 Dadas por tão bom doutor;
 Boas-tardes, neste mundo
 São dadas pelo Senhor.
 Da forma que principias
 Não mostras ser cantador.

3

— Pelos jeitos que estou
 [vendo
 Já me estás a tratar mal;
 Se vês que o que eu digo é
 [falso
 Lê a História Natural;
 Depois de a leres verás
 Se eu canto bem ou mal.

4

— A História Natural
 Não serve p'ra toda a gente;
 Tu se a lês não a entendes
 Porque és muito inocente,
 E por certo a entenderás
 Dum modo muito diferente.

5

— Já vejo que tu Rijão,
 Nunca leste a tal História,
 Por isso, neste lugar
 Não alcanças a vitória,
 E juro-te que hás-de dar
 Hoje a mão à palmatória.

6

— Antes quero a palmatória,
 Do que um pontapé dos teus;
 Conheci nas boas-tardes
 Que não és filho de Deus;
 Pois lê lá pelos teus livros,
 Que eu vou lendo pelos meus.

7

— Esse Deus em que tu falas
 Já morreu há muito ano;
 Morreu e não torna cá
 Digo-te isto e não te engano.
 Quem morre não torna cá,
 Quer seja ou não ser humano.

8

— Se Deus fosse vingativo
 E se quisesse vingar,
 Agora já tu não 'stavas
 Com as tuas mãos no ar.
 É o castigo que ele dava
 A quem tem tão bom pensar.

9

— Vou-te dar as despedidas,
 Não torno mais a cantar
 Contigo, meu Rijãozinho,
 Que tu fazes-me suar.
 Cuidei que sabia muito
 Mas ainda vou estudar.

10

— Eu também vou dar as
 [minhas
 Por cima dum cacho de uvas;
 Se eu hei-de ficar por baixo,
 Fica tu, cara de Judas.

Vejamos pois a semelhança, a paridade até, dos versos populares hoje cantados a S. Torcato, com alguns daqueles que saíram, há setenta e sete anos, da lira canhestra do Sr. Figueiras, que procurou, pela singeleza e ingenuidade dos temas e do estilo, entrar na simplicidade dos cantares que o povo prefere, decora e ajusta.

Os versos que seguem, foram ouvidos pelo Professor da freguesia de S. Torcato, Sr. J. Martins Lima, a quem estamos muito grato, pela boa vontade e carinhosa gentileza com que sempre atendeu as nossas maçadas.

Desviamo-nos quanto possível, pela índole da admirativa popular deste trabalho, daquelas quadras que mais podem emparceirar nos cânticos religiosos, pela feição do arranjo e da compostura hierática, e são já duma nobreza aristocrática de formação.

1

Ó meu rico S. Torcato,
 Que dais a quem vos vai ver?
 — Um terreiro p'ra dançar,
 Água fresca p'ra beber.

2

S. Torcato, corpo santo,
 A vossa capela cheira;
 Cheira a cravos cheira a rosas,
 Cheira à flor da laranjeira (1).

(1) Popularíssima e conhecida em todos os recantos de Portugal.

3

Milagroso S. Torcato,
Eu pelo caminho vou,
Tantos anjos me acompanhem
Como passadas eu dou (1).

4

Ó Senhor dos Aflitos,
Ó S. Tiago da Cruz,
Eu vou para o S. Torcato
Venho pelo Bom-Jesus.

5

Quero ir ao S. Torcato,
Tenho medo ao calor:
Empresta-me o teu chapéu,
Antoninho, meu amor.

6

Limoeiro da calçada
Bota p'ra cá um limão,
P'ra levar ao S. Torcato
Que é da minha devoção.

7

Ó meu rico S. Torcato,
Ai! ó meu S. Torcatinho!
Eu bebi da vossa água,
Mas antes bebesse vinho.

Mais algumas quadras que nós ouvimos e descortinamos em diversas publicações.

8

Eu vou para a romaria,
Milagroso S. Torcate!
Se o pai me der licença,
A minha mãe não me bate (2).

9

Ó S. Torcato bendito,
Fechai as portas por dentro,
Que o Arcebispo de Braga,
Quer o vosso rendimento.

10

Milagroso S. Torcate,
Do mosteiro do altinho;
Se não fosses milagroso
No dia estavas sôzinho.

11

— S. Torcato, corpo santo
Que dais a quem vos vem ver?
— Aguinha da minha fonte
Para quem a quer beber (3).

(1) Popularíssima e conhecida em todos os recantos de Portugal.

(2) *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, II série, pág. 23, por Fernando Pires de Lima.

(3) *As alegres canções do Norte*, por Alberto Pimentel, pág. 189.

12

Tu foste ao S. Torcato,
Nem uma prenda me deste;
Nem os moiros da moirama
Fariam o que te fizeste (1).

13

Eu moro em S. Torcato
Donde vem o vento norte;
Tenho lá os meus amores,
Só os deixarei por morte.

14

Quem me dera poder ser,
Quem me dera poder dar,
Beijinhos a S. Torcato
À beira do seu altar.

15

Milagroso S. Torcato,
Meu milagroso Santinho!
Dei de entrada um abraço,
À saída um beijinho.

16

No templo da Virgem
Torcato aprendeu
A lei do Senhor:
Por ela morreu (2).

(1) *Cancioneiro de Celorico de Basto*, pág. 9, por Fernando Pires de Lima.

(2) *As alegres canções do Norte*.

Senhor do Campo da Feira.

A igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos tem hoje o nome vulgar de igreja do Senhor dos Passos ou de Santos Passos. «Na sua origem existia uma humilde capelinha, precedida duma grande alpendrada, com assentos de pedra, dedicada a Nossa Senhora da Consolação. A igreja



Senhor do Campo da Feira

do Campo da Feira é uma das mais belas e completas da cidade. Igualmente aqui tem lugar, na quinta domingo de quaresma, a mais rica e pomposa procissão de Passos — chamada vulgarmente de *S. Lázaro*. Antigamente vinham os cônegos da Colegiada fazer a esta igreja a benção e solenidade dos *Ramos*» (1).

A veneranda imagem de Jesus, com a cruz às costas, anda ligada à devoção mais fervorosa dos vimaranenses, e à sua igreja acode uma legião interminável de fieis.

As esmolas e ofertas que recebe durante o período da Quaresma, mostram bem, pelo seu subido valor, o apreço de quem a ele recorre confiadamente.

Não é um santo verdadeiramente popular, entrado no folclore, na tradição e nas lembranças festivas

(1) *Guimarães*, pelo P.^e António Ferreira Caldas, vol. II, pág. 148.

e romarieiras. Impressiona pela submissão mace-
rada de pecador, e pela patriarcal gravidade do seu
deslumbramento de excelsitude. Não o ilustra a
etnografia de arraial e peregrina, porque é de mani-
festa imponência, com uma realidade de origem e
de presença incomensurável, divina. É celeste pela
luz e pela vida. Ocupa o lugar mais alto da aris-
tocracia, porque é o Senhor, e tem as honrarias
maiores neste mundo e no céu, porque é Deus.
O valimento das suas virtudes e o sacrifício pelo
bem dos homens e da humanidade, deram-lhe o
coroamento dos espinhos e da cruz.

Porém, o Senhor do Campo da Feira a todos
ouve e a todos se oferece, deixando que os regozijos
das promessas que lhe dão, sejam proclamados pelos
repiques festivos e constantes do seu carrilhão har-
monioso e argênteo. Cada repique comunica a obra
de um milagre.

1

Senhor do Campo da Feira,
Agasalhai quem perdi;
Tem pena da minha sorte
Pelo muito que sofri.

2

Senhor da Campo da Feira,
Olhai para mim olhai;
Sou filha de uma viuva,
Sou orfã, não tenho pai.

3

Senhor do Campo da Feira,
Tende de mim pena e dó;
Fiquei cedo sem ninguém,
Neste mundo vivo só.

4

Senhor do Campo da Feira,
Tende de mim piedade,
Que me vejo sem amor,
Na flor da minha idade.

5

Senhor do Campo da Feira,
Cortinhas de retrós;
Ou me dai boa fortuna,
Ou me levai para vós.

6

Senhor do Campo da Feira,
Tende dó dos 'stravagantes;
Estes que andam de noite,
São vadios, são tratantes.

7

Senhor do Campo da Feira,
A teus pés ajoelhei;
Atende ao que vos pedi
Pelas rezas que rezei.

8

Não sou ninguém neste mundo,
Nem do mundo nada espero;
Ter no céu a vida eterna,
É a esmola que eu quero.

Nossa Senhora do Carmo da Penha.

No morro setentrional da serra de Santa Catarina, que se levanta a nascente de Guimarães, esconde-se entre penedias gigantescas a formosa gruta-ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha.



Nossa Senhora do Carmo da Penha

ceu e medrou sob o benéfico patrocínio da Virgem Santa Maria.

A festa de Nossa Senhora do Carmo da Penha, cuja capela é administrada por uma irmandade, cele-

A imagem foi esculpura em Braga, e é à devoção a esta imagem, aliada às belezas naturais que a Penha encerra, que este local deve a atenção que nos últimos anos se lhe tem consagrado, tornando-o o centro das piedosas romagens e devotas peregrinações, com que os vimaranenses atestam a secular afeição a Nossa Senhora.

É a Penha a montanha santa para os habitantes do velho burgo, que nasceu, cres-

bra-se com grande pompa e numerosíssima afluência de devotos, no terceiro domingo de Julho (1).

1

Nossa Senhora da Penha,
De mim tende compaixão;
Já que eu vivo muito triste,
De males no coração.

2

Nossa Senhora da Penha,
É madrinha de Maria;
Eu também sou afilhada
De Nossa Senhora da Guia.

3

Nossa Senhora da Penha,
Tem uns brincos de giesta,
Que lhe deram os romeiros
No dia da sua festa.

4

Nossa Senhora da Penha,
Diz que me há-de dar um véu;
Se mo há-de dar em vida,
Dê-mo no reino do céu.

5

Ó minha Nossa Senhora,
Minha Senhora da Penha;
Na boca de alguma gente
Não há nada que eu não tenha.

6

Nossa Senhora da Penha,
É chegada à da Lapinha;
São duas Santas que meiam
Uma curta passadinha.

«A exemplo de Braga quis a cidade de Guimarães comemorar o quinquagésimo aniversário do grande facto religioso de 1854 com uma peregrinação extraordinária ao santuário da Penha.

Este santuário eleva-se ao nascente da cidade, sobre a cumiada da serra de Santa Catarina.

Ali, dentro de uma gruta aberta pela natureza nos rochedos que servem de alicerce à estátua de Pio IX, foi colocada no dia 19 de Julho de 1893 a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, esculpida em mármore de Carrara.

O monte da Penha defronta o do Sameiro, e assim, por uma harmoniosa correspondência de situação geográfica e simbolismo religioso, ficaram os dois montes conjugados no mesmo pensamento de pregoar e glorificar a Imaculada Conceição de Maria.

Dir-se-iam duas atalaias da fé, cruzando, no espaço, os seus intensos revérberos, cuja irradiação ilumina a figura de Pio IX, que com a mão direita

(1) *Guimarães e Santa Maria*, por João Gomes de Oliveira Guimarães, pág. 76.

abençoa o mundo, e com a esquerda patenteia a Bula que proclamou a definição do dogma.

No alto do Sameiro já o dogma está definido e proclamado, é já uma crença incontestável e triunfante, uma verdade reconhecida pela Igreja e pelas cristandades do mundo inteiro.

De modo que estes dois montes, separados apenas pelo intervalo de algumas léguas, são como duas estrofes do mesmo poema, dois acordes da mesma harpa, tangida pelos quatro ventos do céu em honra da Mãe de Deus humanado.

As peregrinações anuais ao Santuário da Penha começaram no dia 8 de Setembro de 1893. Logo por essa ocasião foi cantado um hino, letra do padre Campo Santo, natural de Guimarães, música de Giuseppe Gessi, italiano de nação.

*Entre votos, preces, hinos,
Guimarães hoje se empenha,
Em dar à Virgem da Penha
Tributo de devoção.
Acolhe os teus peregrinos,
Virgem das margens do Gave,
Avé ó Flor de Lourdes, Avé,
Ó Virgem da Conceição.*

.

A peregrinação jubilar realizou-se no dia 15 de Agosto de 1904, foi solenizada com ruidosos festejos na cidade, e precedida por uma procissão que na véspera de tarde saiu da Real Colegiada da Oliveira.

No figurado desta procissão, muito numeroso e brilhante, compreendiam-se os quatro grandes devotos de Maria: S. Bernardo, S. Domingos, S. Boaventura, e a humilde Bernardette Soubirous.

Trinta virgens, vestidas de branco, com açucenas soerguidas entre as mãos, entoavam cânticos à Virgem:

*Ó Mãe d'esperança pura,
Sois a nossa protecção.
Reinaí, ó Mãe de ternura,
Sobre o nosso coração.*

A peregrinação, composta de milhares de pessoas, conduziu uma coroa de ouro, e ouviu missa campal celebrada na gruta de Lourdes.

O povo reeditava as mesmas canções religiosas que tinham sido adoptadas na peregrinação de Braga, e a cidade de Guimarães exulta na realização dessa apoteose tão pomposa como patriótica, por nenhum desgosto perturbada.

Se, como vimos, as grandes peregrinações do Minho têm tido por objecto a Virgem Santíssima, também a grande maior parte das romarias desta província são realizadas em honra do mesmo culto» (1).

Santa Clara.

Pelo correr dos tempos, depois de debeladas muitas circunstâncias precárias e de abolidos certos e conhecidos hábitos de desgoverno e saturnais de gulosices, o Convento de Santa Clara chegou a ser o Convento mais rico de Guimarães, e o de mais particular agrado para um refúgio silencioso de poucos jejuns e penitências.

Na igreja formosa deste extinto Convento, foi dedicado à Virgem da Conceição o altar lateral do lado do Evangelho, no qual se diziam muitas missas e se recebiam muitas ofertas.

Dentro desta colmeia amaviosa, havia de tudo: freiras gentilíssimas, de bom costado familiar, algumas, outras banais e duma correspondência social abalada de créditos, de olhos arregalados para as exterioridades do mundo, elegantes nos seus vestuários e nunca alteradas na precipitação dos conflitos, sempre num estado de graça juvenil e liricamente real de aspirações mundanas, cheias de um místico religioso infantil e despreocupado. A respeito das nossas clarissas muito se tem escrito, sobretudo quanto à comum exaltação dos seus peca-

(1) *As alegres canções do norte*, Lisboa, 1905, por Alberto Pimentel, pág. 166 e segts.

dilhos de amor, sem que haja necessidade, pelo menos neste agasalho do folclore religioso, de bater na mesma tábua inculcadora dos seus desmandos e desprimores.

Porém, do elevado sacrifício da mocidade, inteiramente votado à improfundável e inteiriçada reclusão clarista, que em cenóbio burguês se tornou, pelo sentir proclamativo das vontades travessas e irrequietas das mais pardalejas noviças, nasceu, por atração e reflexo, a irreverência da comunidade. Destes saboreios, um instinto ruidosamente realista se apoderou dos menestreis, que ao jeito dum descamisar chocarreiro, mais do que os respeitos mandavam, vá de focarem e tecerem, brejeiramente, os feitiços e encantamentos dos corpos e dos tresleres das clarissas, sem louvarem a qualidade e a espiritualidade das almas, no voluntário ritual do seu amortalhamento freirático, e as regras da excelsa protectora das senhoras pobres, S.^{ta} Clara de Assis.

Gaiatou, portanto, pela delícia assolapada dos excogitadores populares, que não perdoavam o regozijo do escândalo, uma cantilena de versos amareados, que ruidosamente se propalaram, como as tiradas mais célebres e amorosas dos romances principescos e pastoris.

1

Senhora da Conceição,
Quem te deu tão lindo altar?
— Foi minha irmã Santa Clara
Com promessa de ajudar.

2

Senhora Santa Clara,
Guardai bem as vossas freiras;
O milho também se guarda
Mas vai já seco das eiras.

3

Os frades de S. Francisco,
Mandaram apregoar:
Quem quiser pepinos gordos,
Que lhes vá ao pepinal.

4

As freiras de Santa Clara,
Mandaram lá de repente;
Se os pepinos fossem gordos,
Que lhes *mandasse* a semente.

5

Ó meu Menino Jesus,
Que é dos vossos sapatinhos?
— Ficaram em Santa Clara,
Metidos nuns buraquinhos.

6

Ó meu Menino Jesus,
Que é da vossa cabeleira?
— Deixei-a em Santa Clara,
No regaço duma freira.

As freiras de Santa Clara,
Quando vão rezar ao côro,
Dizem umas para as outras:
Quem me dera ter um na-
[moro (1)].

Um namoro quem no dera,
P'ra qualquer uma freirinha;
De tristeza todas penam
Dentro da mesma gradinha.

Senhora das Candeias.

Na freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela, a irmandade da Senhora da Purificação, vulgarmente conhecida por *Senhora das Candeias*, governa-se por estatutos reformados e aprovados em 26 de Março de 1882, e celebra a sua festa principal a 2 de Fevereiro. No primeiro domingo de Julho é conduzida processionalmente à igreja de Tãgilde a imagem da titular, em cumprimento de antigo voto, que o *Minho Pittoresco*, vol. I, pág. 641, assim relata: «O leitor vai porém comigo à igreja de S. Miguel e incorpora-se na procissão da Senhora das Candeias, que vai no primeiro domingo de Julho visitar a freguesia de Tãgilde. É uma visita de todos os anos, que os de Tãgilde não dispensam, porque, segundo a tradição, a Senhora é propriedade sua, embora os das Caldas não atendam a reclamação. Andores e música a acompanham e outros a vem esperar ao caminho, junto à capelinha de S. Crau (S. Cláudio), onde a procissão descansa um pouco... Mas o leitor ainda não sabe porque veio a Tãgilde a Senhora das Candeias, e quase me esquecia dizê-lo, se na passagem não visse em muitos campos uns arcos ou ramos entrelaçados, que são um amuleto colocado durante as orvalhadas de S. João contra o *bicho que pode dar no milhão*. Pois é para isso também que a Senhora das Candeias sai no seu

(1) Ver algumas variantes no *Romanceiro Geral*, por Teófilo Braga, vol. II, pág. 150.

andor festivo e vai pelos campos fora até Tãgilde.
É para que o bicho não dê no milhão ».

1

A Senhora das Candeias,
Tem um rosário na mão,
Que lhe deram os anjinhos
No dia da procissão.

2

A Senhora das Candeias,
Tem um manto que reluz,
Que lhe deram os anjinhos
No dia de Santa Cruz.

3

A Senhora das Candeias,
Tem uma estrela na testa,
Que lhe deram os anjinhos
No dia da sua festa.

4

A Senhora das Candeias,
Tem uma fita no pé,
Que lhe deram os anjinhos
No dia de S. José.

5

A Senhora das Candeias,
É do lado de Vizela;
Só tem fartura e saúde
Quem for ter aonde a ela.

Nossa Senhora do Monte.

«Na freguesia de Serzedelo, a capela desta denominação, levanta-se na coroa do monte que a nascente limita esta freguesia, e que da capela recebeu o nome por que é conhecido em substituição da denominação *Monte Cavallo*, que tinha no século xi. Esta capela tem três altares, estando colocadas no altar-mor três imagens de Nossa Senhora, conhecidas com os títulos de Senhora do Monte, Senhora da Guia e Senhora de Guadalupe. A titular está no centro do retábulo.

Ignora-se a época da fundação, que certamente remonta à Idade Média. A referência mais antiga que dela conhecemos é fornecida pelo *Sanctuario Mariano*.

É esta uma das capelas mais lembradas do Concelho; a ela acodem duas vezes no ano os povos de muitas freguesias em cumprimentos de votos antigos, dia da Ascensão e dia de S. João Baptista. No primeiro destes dias é visitada por uma procis-

são de penitência, ou clamor, da freguesia de Nespereira, na qual é conduzida a imagem do Senhor dos Aflitos, venerada na sua capela do lugar da Madalena; e no segundo o Senhor das Chagas de Infias, que aqui vem em solene procissão acompanhado pelas freguesias vizinhas com as suas cruces e irmandades, que por tal modo patenteiam os muitos benefícios que devem ao Senhor, como declaram os livros do arquivo desta última freguesia.

À denominação das três imagens aqui veneradas, aludem diferentes coplas populares, que os moradores de Serzedelo conservam como herança de seus antepassados» (1).

1

Nossa Senhora do Monte!
Nossa Mãe muito amada,
No céu e na terra
Nossa Senhora é venerada.

2

Senhora de Guadalupe,
Está sobre o altar,
Sempre a pedir a Deus
Para dos perigos nos livrar.

3

Nossa Senhora da Guia,
Está no alto do altar,
Com o seu Menino na mão,
Para ao céu nos guiar.

4

Senhoras do Monte!
Junto de vós não há medo;
Vós estais a abençoar
O povo de Serzedelo.

5

Senhoras do Monte,
Estais voltadas ao mar,
Pedi ao Senhor por nós,
Para dos perigos nos guardar.

6

Nossas Senhoras do Monte!
Atendei as petições,
Para levar ao Senhor,
Estas nossas orações.

Sobre as procissões de penitência, cercos e clamores, do Concelho de Guimarães, fizemos já um estudo completo e largamente pormenorizado, sendo descabido voltar aqui a repetir o que já dissemos a respeito dessas cerimónias propiciatórias e de regoção, em que a Virgem Santíssima e os Santos mais colectivamente exaltados pelo povo eram tradicional-

(1) *Guimarães e Santa Maria*, por João Gomes de Oliveira Guimarães, págs. 92 e 93.

mente levados em culto de bem pronunciada penitência, por lonjuras, para deles se auferir as maiores favorezas na fartura agrária, pedindo sol ou chuva, consoante as necessidades dos tempos e dos arroteios.

Havia deveres e imposições estatutárias, que as irmandades e as freguesias tinham de respeitar e cumprir, quanto ao preceito destes votos tradicionais (1).

E por votos antigos, as freguesias tinham de ir processionalmente a diversos lugares, onde se veneravam imagens milagrosas, suplicar o afastamento de epidemias e a abundância dos frutos da terra.

Nestes clamores cantavam-se as ladainhas maiores, tendo os lavradores de mandar uma pessoa de sua casa, sob várias penas e multas impostas aos que não acatassem estes preceitos estatutários.

(1) Ver *Curtosidades de Guimarães, IX — Cercos e clamores.*

Serões e novenas. Os grupos das romeirinhas e os seus cantares de promessa e de louvor.

Os serões e as novenas significam, na sua sin-geleza de expressão e na simplicidade do amanhã, umas tocantes, piedosas e peregrinas romagens de promitentes.

As promessas não são somente o dinheiro, a cera, os ex-votos, a mortalha, os sermões e as missas. São também e sobretudo, no mais íntimo fervor de agradecimento, a penitência, as preces, as melodias e as orações cantadas e rezadas dos serões e das novenas. Os grupos miudeiros de crianças que adornam estas duas práticas modestas de promessa, têm doçura, lirismo pastoril, humildade, espiritualidade, havendo uma certa aproximação com-vente entre a casta brandura destes cortejos terrenais, e a infinita bondade de Deus nas alturas.

Muito tradicionais e antigas, por assentamento de velha herança, estas romagens de voto, reali-zam-se em toda a roda do ano, mas são mais fre-quentes no caminhar de Abril a Outubro, em que os dias são mais solhentos e duradoiros, desde a alva ao toque tardeiro das Avé-Marias. Cortam em todas as direcções, até áqueles mosteiros ou modestas ermidas por onde corre a voz dos prodígios, levando as voventes e os seus pequeninos grupos de romei-rinhas, o penhor rezado e cantado das suas promes-sas, como doações duma virtude religiosa de sim-plicidade.

É tempo de dizermos que um serão é formado por um grupo de cinco ou seis rapariguinhas, que andem à volta dos 6 a 12 anos, e uma novena de nove mocinhas, igualmente da mesma idade.

Têm aquele sabor vestal e cerimonioso da Idade Média, em que se manifestavam os regozijos pelas graças alcançadas.

São umas romagens despreocupadamente alegres, conhecidas e organizadas em determinadas cordas e cercaduras de aglomerados rústicos, mas não se operam a oito, pois nem todas as terras do Minho as praticam, e mesmo muitas freguesias as desco-

nhecem, embora ainda elas se desdobrem pelas margens mais achegadas aos primeiros aldeamentos do Douro e Trás-os-Montes.

Retratam, exclusivamente, em beleza activa e refúgio de piedade, os costumes devotos e religiosos de algumas freguesias, onde os seus habitantes praticam, por uso, tradição e dignidade do seu noviciado na edificação cristã, uma corrente de promessa mais do seu agrado íntimo, mas de ordenação estremadamente habitual, que lhe vem transmitida das dolorosas caminhadas dos seus antepassados. Concorre para este efeito sucessório de transmissão, o invulgar ambiente que rodeia todo o Minho, na sua extensa, lídima e presenteada auréola de mosteiros sagrados e imagens de rogação e clamor.

Estas romagens-promessa, réstias da cauda astral das antigas peregrinações votivas, são praticadas sem o aparato de romaria, sem despesas de mortalha, de missas oficiadas e de oblações, mas tão-sòmente jornadeiam no coro da reza prometida, a figura principal que obteve a divina graça da salvação e as meninas que vão cantando, afoitas e desenfadadas, trupe que trupe caminhos fora, a uma ou duas vozes, os sucessos do milagre operado.

É um pregoar de existência sorridente, esse cumprimento de menagem, muito estimado e querido das raparigotas que nele se associam, com todos os bandeiramentos da satisfação e do agrado.

São, em balanço explicativo e em resumo, um voto de promessa, singelamente transmitido pela pura virgindade de um grupo rosmaninhal de crianças zevieiras (1).

(1) São também vulgares por todo o Minho, as promessas rogadas ou pedidas de porta em porta. Quer dizer: Uma promitente faz uma promessa, de tantas missas, ou de uma vela do seu altor ou ainda de coroa e mortalha para ir amortalhada, mas para maior sacrificio, obriga-se a pedir por portas, as esmolos precisas para satisfazer o custo do que prometeu.

Não recordam, nem ao de leve, sequer, uma sobrevivência pagã dos antigos coros dos anjos alados, que acompanhavam as danças e folias processionais ou se ostentavam no refestelo dos carros triunfais e alegóricos. Têm a defesa, os nossos grupos das romeirinhas, de um lirismo pastoril cristianizado, que a tradição cultural e cultural dos camponeses pratica e anima no delicioso da sua fé, porque assim, festiva e devotamente melhor se expande e mais compreensivelmente pode transmitir todo o regozijo da sua alma e do seu agradecimento.

Não sendo uma cerimónia elementar e sujeita às regras dogmáticas da igreja, este absoluto de expandimento natural e simples, pode correr livre de peias e exigências, ao contrário de tudo aquilo que tendo sido de um apego tradicional e característico, fizeram desandar para o puritanismo ortodoxo, desviando certas continuidades de ritos e de promessas, que não tinham muito de abusões, como fossem, por exemplo, os *ramos* e os *autos* transmontanos.

O povo é tão abertamente expansivo como a natureza que o rodeia, manifesta-se na alegria das coisas e na exuberância da fertilidade, promete sempre em graça e festivamente, louva com respeito e nunca ofende nem prejudica, na sua crença, nem no enlace das suas intenções, os santos.

Esta expressividade pastoril é manifestada na religiosidade poética popular. Ninguém o pode proibir, como erro seria despedaçar a devoção seráfica dos amortalhados e tantas outras lembranças purificadoras ainda com escamas de um religiosismo pagão (1). Tudo isto condimenta e faz bem ao rústico sopeteio duma religiosidade iletrada.

Nas modestísimas cerimónias rústicas das novenas e dos serões, o preito devoto toma fraternal aliança com a reza e com o canto. Tudo se liga

(1) Em 1466 *viñham muytos homeens e moços nuus*, no dia da romaria, em cumprimento de promessa ou a pedir alguma graça. (*Peregrinações e livros de Milagres na nossa Idade Média*, por Mário Martins pág. 17).

à poesia e ao respeito, para, famos dizer, maior nobreza do louvor e da promessa.

Vejamos a primeira cantiga com que vulgarmente iniciam as novenas:

*Vamos todas em novena
A cantar e a rezar,
Satisfazer a promessa
Que a devota quis levar.*

As entradas dos serões são mais variáveis:

*Ó minha nossa Senhora,
Aceitai este serão,
Cantado por raparigas
Com rezas do coração.*

Estes serões e novenas são mais profusamente organizados na ribeira Vizela, seguindo em linha de extensão até às freguesias incrustadas nos concelhos de Lousada, Paços de Ferreira e Santo Tirso.

Em Guimarães, as zonas amorosamente aferradas a este culto veleiro, compõem-se das freguesias que andam à roda de S. Torcato, S.^{ra} da Lapinha e das que mais perto se encontram do Sameiro e Bom-Jesus.

De resto, estes grupos romeiros caminham léguas, e quer de Guimarães, (sobretudo das freguesias de Briteiros, Souto, Santa Maria, Donim), quer de Vizela, Paços de Ferreira, Lousada e Santo Tirso, as estimadas vão como lampos até S. Gonçalo de Amarante, Senhora da Abadia, Santa Quitéria, Aparecida, Senhora do Porto, etc.

Os serões não marcham ao som plangente de antifonas nem têm ladaínhas próprias. Compõem-se de versos soltos, por vezes ao jeito de seguidilhas, mais ou menos adequados ao motivo do milagre, ao culto do agradecimento, à curialidade religiosa, embora de algum modo certas variantes profanas, como nas cantilenas dos ensalmos, entrem no concurso da celebração, sem todavia descaracterizar e desarranjar a harmonia do conjunto, introduzidas pelas mulheres ensaiadoras ou organizadoras dessas romagens.

O que têm é uma melodia lenta e piedosa a envolver o ritmo dos versos, música abafada e sofredora que ajuda e acompanha o tropear dos passinhos miúdos dados pelas meigas romeirinhas, que desde que se põem a caminho até chegarem ao termo da viagem de penitência, não mais podem parar com os seus cantares, que aliás se repetem e são sempre os mesmos, salvo se de onde a onde, a vovente, consoante a promessa, deita o terço ou o rosário.

As romeirinhas reúnem-se em casa da promitente, e juntamente com ela, se as pode acompanhar e assim o prometeu, dali saem em grupo, a mais a mulher que leva a merenda, ou a ensaiadora, no caso da promitente não ir, o que raro acontece.

Muitas vezes é a devota promitente quem vai pedir o concurso das romeirinhas. São escolhidas aquelas rapariguinhas mais guichas, que tenham uma boa e fresca voz, para o coro ressoar por essas alturas.

Ninguém se nega à ternura de ajudar, por imploração de quem fez a promessa cantada e rezada por estes ranchos de angélica pureza, que são tão alácres como as boas-novas da aleluia, ninguém se nega a acompanhar o penitente ou a penitente, que em hora de perigo, de morte ou de aflição se apêgou com Deus ou com a Virgem Santíssima, para bem se cumprirem todas as expressões dos votos formulados, e assim as almas se aliviem e a graça do Senhor caia favorecida por cima de todos quantos vão no gozo de agradecer, de cumprir e de ajudar.

E lá caminham, horas e horas, por vezes um dia inteiro, atravessando encostas e picotos, numa leveza de penas brancas, sentindo-se gloriosas em sensação sublimada pelo serviço devoto que vão prestar, humildade de graças ao Senhor em aprazimento de quem as rogou, calcorreando tão gravezinhas como os pastorinhos de Belém quando iam levar os presentes pelo nascimento do Deus Menino.

De braço dado ou mãos unidas, como no jogo das rodinhas, algumas com ramilhetes de flores, vão alegres de frescura nos seus vestidinhos de bonecas pobres, cabelos na lisura das banhas e do tormentelo, e gotejados de espírito de cravo. Parecem, no ma-

ciço variegado das suas andainas, os alegretes das arribadas estiraçados ao sol. A frescura maior desta criançada dos serões, é a da sua tenra imaginação, adelgada e vaporosa no sorrir das palpebrantes esperanças, mal definidas, ainda incertas e titubeantes, vendo porém no despertar auroral da sua vida, aquela risonha sentimentalidade que é grata a Deus, nas criaturas, pelas suas andadas em serviço da caridade e do bem.

Uma vez chegados os serões ou as novenas, às ermidas e santuários dos roteiros festivos e devotos do Minho, a promitente, com enleio amoroso, numa rústica nobreza de sentimentos, generosamente alheada de todos os pensamentos e artificios da vida, e intimamente perfumada da beleza mística e da recendência do lugar sagrado a que subiu penitentemente, satisfaz ao Santinho ou Santinha que requereu e invocou para salvação do seu mal ou da sua dor, as rezas e os sacrifícios da sua promessa.

Dentro desta magoada piedade, as voventes tornam-se umas figuras ciprestais de elegia.

O sacrificio votivo das promitentes, consiste em uma ou mais voltas dadas de joelhos ao redor das ermidas ou dos templos, que ficam, na maioria, pelos agrestes calvários dos nossos montes. As rezas prometidas são sempre acompanhadas pelas romeirinhas, e não vão além de um rosário, uma estação ou um terço.

Cumprida a promessa e esvaziado gulosamente o farnel da merenda, numa debicada grilhenta de pardejos, as romeirinhas dão as suas reverentes despedidas e desandam, soltando os santíssimos trinados das suas alegrias de canto, a caminho da casa da promitente, onde as aguarda uma abundante ou parca refeição, consoante as posses e os haveres da casa rústica, que as acolhe tão pròdigamente quanto possível, e de boamente, na amplitude das graças de Deus.

Quando, porém, estes serões, se dirigem a capelas não muito distantes, que da volta palmilhada sobeje o tempo preciso para as romeirinhas chegarem a casa da devota às horas entardecidas

da merenda, é frequente ouvi-las cantar, para se fazerem lembradas:

Ó patroinha da casa,
Nós cá estamos a chegar,
E pedimos por favor
Que nos dê de merendar (1).

Atendamos agora, para um fácil confronto com os serões da nossa região, nos cantares romeirinhos das zonas mais devotadas a estes sentimentos de promessa. O fundo é comum. Nas expressões, nos cantares, na organização, a semelhança é flagrante. Há, porém, algumas variantes, introduzidas pelos fazedores dos versos, e sobretudo no cadenciado da música, como se observa para os lados de Barrosas.

Quando as ensaiadoras ou os poetas populares, não abundam de inspiração, os versos sofrem uma ligeira alteração, quando não se repetem os mesmos e os mais vulgares, que andam na roda de todas as festividades e romarias.

Prometem um serão ou uma novena na aflição de qualquer mal ou perigo, e sobretudo nas horas difíceis do partejar. Muitos mancebos há que os prometem para a livrança das correias da tropa.

O Sr. Professor Vieira Dinis, de Paços de Ferreira, ilustre etnógrafo, diz-nos que estas manifestações de promessa saem de Paços, de Carvalhosa, de Figueiró, Meixomil e das terras fundeiras de Refojos e Reguenga.

Muitos ranchos romeirinhos tem observado, e generosamente nos forneceu a suavidade lírica dos cantares daquelas caminhadas penitentes.

As três primeiras quadras referentes ao serão levado a Nossa Senhora da Hora, são vulgares em quase todos os serões (2).

(1) Colhida pelo Sr. Francisco Armindo Pereira da Costa, de Vizela.

(2) Nossa Senhora da Hora, Nossa Senhora da Hora,
Bota fitas a voar tem um anel no dedo

Nossa Senhora da Hora,
tem uma fita na testa

Seguem depois as restantes:

1
Nossa Senhora da Hora,
Que daqui estou a ver,
Tem dois olhinhos na cara,
Parece o sol a nascer!

2
Nossa Senhora da Hora,
Aqui vai a penitente,
A quem destes a saúde,
A quem esteve tão doente.

3
Nossa Senhora da Hora,
Dê saúde a meu irmão,
Qu'eu prometo de cá vir
Com cális doiro na mão.

4
Nossa Senhora da Hora,
Adeus que me vou embora;
Bote-me a sua benção,
Que me vou pela porta fora.

5
Nossa Senhora da Hora,
O caminho pedras tem;
Se não fizesas milagres,
Já cá não vinha ninguém.

6
Nossa Senhora da Hora,
Tem um pipinho de vinho,
Para dar de beber
Aos cansados do caminho.

A Nossa Senhora da Assunção, em Santo Tirso:

1
Ó Senhora da Assunção,
Nós cá vimos a chegar;
Deitai-nos a vossa benção
Lá de cima do altar.

2
À Senhora da Assunção,
Lá imos c'o merendeiro;
Mas em antes de comer
Temos de ir rezar ao mosteiro.

3
A Senhora da Assunção,
De longe vos venho ver;
A quem destes a saúde
A quem estava p'ra morrer.

4
A Senhora da Assunção,
Dai saúde a esta mulher;
P'r'o ano cá vimos todos,
Outra vez se Deus quiser.

5
A Senhora da Assunção,
Tão linda e tão formosa;
Venho aqui de tão longe
Só p'ra ver tão linda rosa.

A Nossa Senhora do Pilar, em Paços de Ferreira:

1
A Senhora do Pilar,
Tem um pilar de pedra;
Bem no pudera ter doiro,
Ou de prata se quisera.

2
A Senhora do Pilar,
Tem uma fita no rosto,
Que lhe «dero» os marinheiros
No dia quinze de Agosto.

3
A Senhora do Pilar,
Tem um altar de vidro,
Que lhe deu um marinheiro
Que andava no mar perdido.

4
Ó Senhora do Pilar,
Lá no alto corre vento;
Se a Senhora tem dinheiro,
Mande deitar um convento.

5
A Senhora do Pilar,
Tem uma roseira à porta;
Foi palavra que Deus disse:
Nem se arranca, nem se corta.

6
Ó Senhora do Pilar,
Escuta as nossas cantigas;
Lá dentro da capelinha
Aguardai as raparigas.

7
Ó Senhora do Pilar,
Minha mãe, minha madrinha;
Eu já fui à vossa casa,
Mãe de Deus, andai à minha.

8
Nossa Senhora da Guia,
Stá dentro duma vidraça,
Virada p'ros pescadores
Co'as mãos cheias de graça.

9
Nossa Senhora da Guia,
Lá do alto onde estais,
Com uma vélinha na mão
A todos alumiais.

À Senhora do Sameiro, muitas freguesias de Braga e de Guimarães também levam os seus serões de romeirinhas:

1
Ó Senhora do Sameiro,
É esta a paga que vos dou;
Quem estava p'ra morrer
Por milagre se curou.

2
Ó Senhora do Sameiro,
Vinde ao meio da igreja,
Que vos quero adorar
Onde toda a gente veja.

3
Senhora do Sameiro,
Aqui vos trazemos,
Estas romeirinhas
Que vos prometemos.

À Senhora da Abadia, os versos são quase os mesmos, com a variante final:

1
Senhora da Abadia
Assubiu ao monte.
Onde ela se assentou,
Nasceu uma fonte.

2
Vieram os anjos
E beberam dela;
Ó «auga» tão doce,
Senhora tão bela! (1)

(1) *Senhora da Abadia*, pelo P.^e Arlindo Ribeiro da Cunha, pág. 132.

Vindos de longe, ao monte da Senhora da Graça, em Mondim de Basto, igualmente sobem os votos das romeirinhas:

- | | |
|--|--|
| 1 | 2 |
| Aqui vimos a cumprir,
Nossa Senhora da Graça,
Promessa de quem sarou
Por vossa divina graça. | Nossa Senhora da Graça
Mandai barrer as areias;
Quero lá ir em novena,
Não posso romper as meias. |
| 3 | 4 |
| Nossa Senhora da Graça,
Apiedai-vos de mim;
Eu não tenho pai nem mãe,
Nem quem se doi-a de mim. | Nossa Senhora tem linho,
Quem tem linho tem linhaça;
Hei-de servir a Senhora,
Sequer um ano de graça. |
| 5 | 6 |
| Nossa Senhora da Graça,
Tem uma fita amarela;
Coitadinhos dos rapazes
Que nenhum quer ir p'ra
[guerra. | Fui à Senhora da Graça,
Numa pedra me assentei;
Com sentido no namoro,
Nem a esmola lhe dei. |

Da corda de Vizela, também se dirigiam muitas destas romagens infantis à Senhora Santa Ana, advogada do juízo, que vive atormentada de tantos rumores fabris, e demora lá para as terras afortunadas e progressivas de Riba de Ave. Boas léguas, em pé ligeiro e calcante, obrigavam ao desembaraço as chilreantes romeirinhas:

- | | |
|---|---|
| 1 | 2 |
| Senhora Sant'Ana,
Senhora Santinha,
Fazei a vossa cama
Chegadinha à minha. | Chegadinha à minha,
Pudera não ser,
Para me salvar
Quando eu morrer. |
| 3 | 4 |
| Quando eu morrer,
Quando eu acabar,
Para ir para o céu,
Para bom lugar. | Agora me vou,
Porque já acabei;
Quando precisar,
Eu cá voltarei. |
| 5 | |
| Santa Ana milagrosa,
Rainha do Paraíso;
Eu estava tão doente,
E vós me destes juízo. | |

Em algumas partes, Vizela, por exemplo, as romeirinhas entremeiam os versos dos seus serões com o câoro:

*Ao céu, ao céu,
Ao céu, bendito.*

E com este nome de Bendito, possivelmente os nossos serões chegaram, por difusão e transplantação, e em condições adaptáveis, a ser conhecidos no Brasil.

Ali, porém, tomaram uma feição de promessa diferente, cumprida num voto de romaria.

A devoção, os cânticos e os motivos são os mesmos, os processos é que se apresentam diferentes, pela escusa das romeirinhas, sobretudo. Como estas cerimónias e manifestações de religiosidade e de promessa são dedicadas a Santos portugueses, tudo nos leva a considerar os Benditos brasileiros uma divulgação dos nossos lusitanos serões, que são de uma típica intimidade regional e formação devota, bem minhota, pela conservação e sabor de onde promanaram.

Assim, durante o giro duma procissão de S. Gonçalo, em Pituba (Brasil), se ouviu cantar o seguinte Bendito:

1
Se eu não fosse, como sou,
Tam pobre desta maneira,
Prometia a São Gonçalo
Meu corpo pesado em cera.

2
As dores já eram tantas,
Quer de noite, quer de dia;
Prometi a São Gonçalo
Fazer uma romaria.

3
Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Hei-de amar a São Gonçalo
Com verdadeira devoção.

4
Ofereço este bendito,
À Virgem Santa Maria;
Meu São Gonçalo do Poço
Aceitai a romaria.

5
Meu São Gonçalo do Poço,
Meu soberano Senhor!
Tantas dores e tormentos
São Gonçalo aliviou (1).

Entremos agora, que já é tempo, nas manifestações de promessa das romeirinhas de Guimarães.

(1) *O culto de S. Gonçalo na Baía*, Guimarães, 1935, por Alberto Vieira Braga, pág. 57.

S. Torcato

É de todo possível admitir a existência de grupos romeirinhos em S. Torcato, pela natureza do lugar e do ambiente essencialmente religioso, penitente e promissório. Poucos se lembram, porém, de ver o desempenho, em acção de graças e louvores ao santinho milagroso, orago e protector da ridente e populosa freguesia, desses grupos locais das meninas romeiras, apenas para o serviço virtuoso das promessas predicadas em cantilena e oração. O saber-se que das freguesias vizinhas, de quando em quando, esses grupos de almas frescas e inocentes ali vêm, a contento de quem as rogou, satisfazer as mercês das curas alcançadas, leva-nos confiadamente a acreditar que em algum tempo, um ou outro rancho de romeirinhas do próprio local de S. Torcato, tenham dado as suas voltas do estilo ao redor do velho ou do novo mosteiro, e se tenham alado por lonjuras com os coros dos seus serões e novenas.

Observa-se frequentemente, é certo, em muitas freguesias onde pontificam as imagens mais esforçadas na grandeza de obter favores paternos e miríficos, para abrandação dos sofrimentos e dos males, que esses grupos chegam de fora, de jornada longa, e não se organizam nas mesmas localidades. Se existem, para longe do seu âmbito se expandem, sucedendo, assim despertar pelo valimento do sacrifício, uma confiança maior de projecção, trilhando em reza os silêncios adormecidos de caminhos por onde ficassem os ecos dos louvores e das graças, tal e qual os itinerários dos ladairos, que deixam por longe uma ressonância a exorar, em sentido comum, as preces e as rogações do povo.

Donde se prova ser bem certo o ditado — *Santos da porta não fazem milagres.*

Alia-se a estas observâncias tradicionais, um sentimento de culto temperadamente bem formado e comunicativo, mas de íntimos respeitos e preceitos regionalistas, e atinentes a limitadas zonas, como já dissemos. A entoação dos serões, não se repercute por todas as bandas.

O Sr. Professor J. Martins Lima, a quem estamos muito gratos, pela solicitude e paciência com que aturou as maçadas que lhe demos, forneceu-nos elementos preciosos sobre os serões, ou grupos das romeirinhas, que bem provam, pela natureza dos versos, que esses votos de promessa a S. Torcato, vêm de fora, e alguns das freguesias circunvizinhas.

De um grupo da freguesia de S. Cosme da Lobeira:

1

S. Torcato milagroso,
Que no altar estais,
Cercadinho de anjinhos,
Bendito sejais!

2

S. Torcato milagroso,
Nós trazemos novas romeirinhas,
Que lhe prometemos.
Que lhe prometemos,
Que lhe vamos dar.
S. Torcato milagroso,
Nós vamos cantar.

3

S. Torcato milagroso,
Céu e terra bem conhece;
Vosso poder carinhoso,
Quem vos roga não esquece.

4

S. Torcato milagroso,
Nós vimos a chegar;
Deitai-nos a vossa benção,
Lá de cima do altar.

5

S. Torcato milagroso,
Seu caminho pedras tem;
Se não fosse tal milagre,
Aqui não vinha ninguém.

6

S. Torcato milagroso,
Vos vimos agradecer,
Que sarastes a doente,
Que estava p'ra morrer.

7

S. Torcato milagroso,
Nós já vamos embora;
Deitai-nos a vossa benção,
Mandai-nos na santa hora.

8

Nós vamos dum novena,
Duma novena a chorar;
Choramos por uma rosabranca
Que lá ficou no altar.

Curiosa, por nos apresentar uma modalidade destes serões, é a seguinte quadra solta, que o mesmo Sr. Professor Martins Lima conseguiu ouvir:

S. Torcato, Corpo Santo,
De tão longe vos vim ver;
Fostes vós que me valesstes
Quando estive p'ra morrer.

Esta quadra atesta, como algumas mais que adiante reproduziremos, a presença do beneficiado, cantando ele próprio as graças que obteve, numa mais convincente e amorável promessa, sem recorrer aos espiritualizados deveres e obrigações das romeirinhas. A corte das romeirinhas mansas, a quem é dado apregoar o milagre, já de si constitui, nestes votos, uma cruzada representativa de penitência em honra da grandeza e dos favores de Deus. É certo que o promitente pode proclamar a graça, mas nunca dispensa o concurso das romeirinhas, se é que prometeu um serão ou uma novena.

De Santa Eulália de Barrosas e Lustosa, acodem muitos destes serões e novenas a S. Torcato, depois de terem dado as suas voltinhas de promessa e de devoção, pela Senhora da Madre-de-Deus, ermida pequenina, que sempre é visitada pelas romeirinhas que ali passam quando vêm de longada, nas suas andadas penitentes.

É a moça Elvira Moreira Cardoso, moça já hoje espigada, mas que ainda se abre num sorriso mimoso de romeirinha que foi, noutros tempos, e muito assídua e temente, que isto nos conta e apaixonadamente nos revela os cânticos da sua terra de Barrosas, levados ao S. Torcatinho e a outras bandas, pois muitos serões nos cantou, na sua voz de bom quilate.

1
S. Torcato, corpo Santo,
O milagre que fizestes!
Aqui vem o penitente
A quem vós a vida destes.

2
S. Torcato milagroso,
O caminho tem pedrinhas;
Hei-de mandá-las tirar
Por cinco rapariguinhas. (1)

3
Neste mosteiro entramos,
Casa de tanta alegria,
Onde está o S. Torcato
E mais a Virgem Maria.

4
Amaremos Jesus Cristo,
Sempre, sempre, até morrer;
O sangue de S. Torcato
É que nos há-de valer.

5
S. Torcato milagroso,
Lá no alto corre vento;
Aqui estão as ofertas,
P'ra vos fazer um convento.

(1) Alusão às cinco rapariguinhas componentes do serão.

Santa Marinha da Costa.

À igreja de severidade majestosa do antigo convento dos cônegos regrantes de Santo Agostinho, que é hoje sede da freguesia de Santa Marinha da Costa e fica na meia encosta, ao nascente da serra de Santa Catarina, a um quilómetro de Guimarães, vêm muitos grupos e muitos votos de romeirinhas, sobretudo dos lados de Vizela, Paços de Ferreira e Lousada, áreas com os mesmos respeitos de contacto votivo, onde se praticam e organizam mais acentuadamente estas devoções.

No Convento de Santa Marinha da Costa, soberbamente romântico de tradições, nos meados do século XVIII, «nas Matinas d. Natal cantavão os Muzicos em lugar dos responsos, vellancicos no nosso Idioma portugues, com galantarias applicadas ao Menino Ds, e antes do offertorio se dava a beijár ao povo, e em todo o Oitavario em lugar d. Pax se levava ao coro, acompanh.º d. duas tochas. Dia de Corpus se armavão 3 Altares no claustro, em q. os coristas, a q.^m se encomendavam tinham suas competencias, sobre qual havia de ser melhor.

Nas Vesp. festivas no tempo Paschal tinham os cantores obrigação de guarnecer o coro de flores». (*«Revista de Guimarães»*, vol. XXI, pág. 236).

Um enorme e variado pecúlio de espiritualizadas relíquias, representativas ou simbólicas, ali adormecidas, semelhava o espelhamento dos mais gloriosos profetas e luminares da pastorícia divina e das pregações santificadas. Eram uns prodigiosos lumes sempre vivos e resplendentes, fechados em escrínios, alumando a fé de quem vinha admirar e beijar tantas insígnias e mezinhas beatíficas, numa meditação incompreendida, ao ver como tantos apreços de feição miudeira, alcançaram imorredora fama, maior do que a dos despojos valiosos das mais célebres batalhas. Um verdadeiro e completo museu de relicários e relíquias (1).

(1) *Notícia das Sagradas Relíquias que se conservam no Capitulo novo, sito no claustro alto, cujo altar é privilegiado por Breve do S.^{to} P. Pio VII, para as missas que nelle cele-*

Nesta igreja, Santa Marinha é a Santa Padroeira, protectora dos partos.

1	Santa Marinha da Costa, Dai-me a mão na costeirinha; Eu venho de muito longe Venho muito cansadinha.	2	Santa Marinha da Costa, Virada para o nascente; Aqui vem a penitente Que estivera tão doente.
---	---	---	--

brarem os Monges de S. Jeronymo, presentes e futuros, por qualquer alma do Purgatorio.

Quatorze imagens com relíquias:

1.^a na pianha do Menino Jesus, estão as relíquias: S. Torcati, Sancti Albini, S. Illuminati, S. Liberati, S. Aurelii, S. Salvati, S. Clementis, etc., etc.

2.^a na imagem de N. P. S. Jeronymo, uma pequena relíquia do mesmo S. Doutor.

3.^a na imagem de S. Paula, uma relíquia da mesma Santa. E assim variadas relíquias nas imagens de S. Pedro Ap. S.^{to} André Ap., S. Bento Ab., S. Vicente Ferrer, S. Brás Bisp., S.^{to} Estêvão, S. Lourenço M., S.^{ta} Bárbara, S.^{ta} Catarina, S.^{ta} Luzia e S.^{ta} Marinha, com relíquia da mesma S.^{ta} Padroeira.

Quatro custódias com relíquias.

Seis braços com relíquias.

Quatro relicários em figura de oratório.

Na âmbula ou redoma de vidro, que veio de Roma com o Corpo de Santa Felicidade para o convento de Santo António de Guimarães, estão relíquias Sancti Felicis M. que podem servir para a sagração de Pedras de ara.

Quatorze Lâminas com sete relíquias debaixo de três vidros em cada um. Na lâmina 13.^a S. Torcati ex carne, S. Torcati ex pele, S. Torcati ex veste, S. Torcati ex calceamento, S. Torcati ex pede sinistro. Estas relíquias foram extraídas do corpo do mesmo S. Torcato no dia 26 de Junho de 1805, pelo R.^{do} Abade de Prazins, António Lopes Paulo, a quem o Ex.^{mo} Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão incumbiu o exame do Santo Corpo para o expôr ao público no dia 30 de Junho do mesmo ano, a cujo acto solenissimo assistiu o D. Abade deste Mosteiro o P.^e Fr. José de S.^{ta} Dorotea e o Ex.^{mo} D. Abade P.^e Fr. Joaquim Mendes.

Dezasseis Lâminas com sete relíquias debaixo de sete vidros em cada uma.

Dezasseis Lâminas com cinco relíquias debaixo de um vidro em cada uma.

Quatorze cruces de Via-Sacra, e em cada cruz está uma relíquia conglutinada de pós de ossos de Santos Mártires — S. S. Martirum.

Trinta e dous caixilhos com seis relíquias em cada um, debaixo de um só vidro.

Dois relicários de lata, pintada de verde e ouro:

No 1.^o estão cinco relíquias — uma de N. P. S. Jeronymo misturada com uma relíquia de Santa Maphalda, e dos lados

3

Santa Marinha da Costa,
Senhora tão pequenina;
Vivam todos os anjinhos
Com a sua fé divina.

4

Santa Marinha da Costa,
Tem um anel no dedo,
Que lhe deram os anjinhos
No dia do seu enterro.

5

Ao S. Tiago da Costa,
Nós havemos de lá ir;
As promessas que fizemos
As teremos de cumprir.

6

S. Tiago e Santa Marinha,
Não se cansam de dizer:
Quem não souber o que é céu
Venha à Costa para o ver.

uma de S. Torcato, outra de S. Veracundo, outra de S. Crescência e outra de Santo Urbano.

No 2.º que tem forma de coração, está no meio uma relíquia S. Martyr e dos lados uma de S. Torcato e outra de S. Veracundo M.

«Em hum dos sinco ou seis saques que os Franceses fizeram neste Mostr.º levarão o pequeno relicário do s.to Lenho, que estava no peito da Imagem de N. sn.ª das Dores, e também a espadinha, e diadema da m.ª Imagem e p.ª tirarem a prata da Pianha do Minino Jezus desperdiçarão algumas Relíquias, como também de huma das quatro custodias, na qual se colocou depois a Relíquia — S. Magni Martiris; e na Pianha do Minino Jezus se colocarão depois as Relíquias — S. Crescentii — S. Salvati — S. Albini — S.ªe Cordovae — S. Feliciani . . . »

Outro relicário em forma de coração, tem três relíquias.

Outro relicário também de lata em forma de coração grande, que tem redoma de vidro, que veio de Roma com a relíquia de S. Feliz, quando veio o corpo de S.ª Felicidade para o convento dos Padres Capuchos.

Outro relicário de lata em forma de lâmina ovada, que tem relíquia de N. P. S. Jerónimo, com selo pendente de Roma.

Outro relicário de lata, em forma de lâmina ovada com três relíquias — S. Ludovici, S.ª Theresiae de Jesus e S.ª Cordovae.

Outro relicário semelhante com três relíquias — S.ª Cordovae, S.ª Alberti carmelitae e S.ª Martiris.

Outro relicário comprido de lata pintada a verde e ouro, com seis pedrinhas dos santos lugares da terra Santa.

Quatro relicários ou lâminas.

Outros quatro relicários ou lâminas mais pequenos.

No peito da Imagem de N. S.ª das Dores está um relicário de prata com o S.to Lenho, e algumas relíquias em volta, sem nome.

Ao pé da pianha da S.ª das Dores está um relicário ovado, de prata, com o selo de Roma, que tem onze relíquias.

Um quadro, ou lâmina, feito em Roma, com um Agnus Dei grande no meio e quatro pequenos em volta, e nos cantos quatro relíquias.

Senhor das Chagas de Infias.

Circunscrita entre montes pelo norte, nascente e sul, a paróquia de Infias, ou Enfias, mencionada nas Inquirições de 1220, tem por padroeira Nossa Senhora da Expectação.

Invoca-se como razão dos clamores irem a capelas dedicadas à Virgem, a muita devoção que em todos os tempos, os moradores desta paróquia dedicaram a Nossa Senhora.

Ao Senhor das Chagas de Infias, por ser imagem de revelada frutificação milagrosa, acodem muitos serões, batendo estradas e carrochos, os grupos risonhos das meninas bem postinhas dessas aliciantes homenagens de promessa.

1

Ó Senhor de Infias,
Ouvi este serão,
Por vós sarardes
Este nosso irmão.

2

Senhor das Chagas de Infias,
Ó Senhor, da Boa Morte,
Tu livraste o meu irmão,
Daquela infeliz sorte.

3

Senhor das Chagas de Infias,
Olhai para mim olhai;
Que eu sou tão pequenina,
Já me morreu o meu pai.

Coro — Ao céu, ao céu,
Ao céu bendito.

4

Senhor das Chagas de Infias,
Que lá num alto morais;
Aqui vos vamos cantar
Já que de nós vos lembrais.

5

Senhor das Chagas de Infias,
Que no alto estais sôzinho;
Aqui vos vimos cantar
Por serdes tão pequeninho.

Coro — Ao céu, ao céu,
Ao céu bendito.

Senhor dos Aflitos.

À freguesia de Nespereira, onde se venera esta imagem, também vinham muitos grupos de romeiras do vale de Vizela e da raiz das cercanias:

1

Ó Senhor dos aflitos,
De longe vos venho ver,
Já que destes a saúde
A quem 'stava p'ra morrer.

2

Ó Senhor dos Aflitos,
O lenço que aí deixei,
Está atado pelas pontas,
Das lágrimas que chorei.

3

Ó Senhor dos Aflitos.
Da capelinha adornada;
Se prometer de voltar,
Cá virei amortalhada.

4

Ó Senhor dos Aflitos,
Aqui tendes as romeiras;
Se não quereis as casadas,
Aqui tendes as solteiras.

S. Bento das Peras.

A imagem venera-se numa capelinha que fica no alto do monte de S. Bento, e pertence à freguesia de S. Miguel das Caldas.

A festa de S. Bento, realiza-se a 11 de Julho, com missa solene, sermão e procissão, formando-se depois um formoso arraial, que ainda se repete em dia de Páscoa.

A quase totalidade das promessas feitas a S. Bento é cumprida em fogo do ar, que nos dois dias se queima em grande quantidade.

Também como *ex-voto* se costumam cair os penedos que estão próximos da capela.

Junto desta modesta, descampada e altaneira capelinha de S. Bento existe, vigorosa, uma oliveira morgadinha, que por certo inspirou o povo, quando este lhe recorda as suas graças:

1

Da oliveira de S. Bento,
Quem não levar um caninho,
Não se lembrou do amor,
Nem do amor do Santinho.

2

Oliveira de S. Bento,
Deita para cá um cano;
O meu amor é teimoso,
A teima dura-lhe um ano.

3

S. Bentinho milagroso,
Tem uma oliveira à porta;
Eu pedi-lha, ele deu-ma,
Plantei-a na minha horta.

A maioria dos serões das redondezas de Vizela dirige-se a esta capelinha, porque S. Bento é o Santo mais querido e milagroso dentro da área de muitas léguas de trilhos lisos e aos sarambeques, contornando ao cimo e ao baixo um ror de paróquias.

1

S. Bentinho milagroso,
Aqui vimos a chegar;
Mandai abrir vossa porta
Para as romeiras entrar.

2

S. Bentinho milagroso,
Dai-nos a mão p'la janela,
Que vimos enfadadinhas
Por subir a vossa serra.

3

S. Bentinho milagroso,
Aqui tendes um serão,
Porque das penas da morte
Aliviastes um cristão.

4

S. Bentinho milagroso
É um Santo verdadeiro,
Ele faz muitos milagres
Por todo o mundo inteiro.

CORO — Ao céu, ao céu,
Ao céu bendito.

5

S. Bentinho milagroso,
Anda no seu pinheiral,
A apanhar as pinhas mansas
Para o dia de Natal.

6

S. Bentinho milagroso,
O caminho pedras tem;
Se não fosse este milagre,
Cá cima não vinha ninguém.

CORO — Ao céu, ao céu,
Ao céu bendito.

7

S. Bentinho milagroso,
Tem altar de cravos brancos,
Onde o padre diz a missa,
Aos domingos e dias santos.

8

S. Bentinho milagroso,
Prometi hei-de lhe dar,
Um vestido cor de rosa
Muito bem lhe há-de ficar.

Coro — Ao céu, ao céu,
Ao céu bendito.

9

S. Bentinho milagroso,
Que mais quereis que se faça?
Botai-nos a Santa benção,
Qu'remos ir na santa graça.

10

S. Bentinho milagroso,
Vós lá dentro e nós cá fora,
Deitai-nos a vossa benção,
Adeus que vamos embora.

11

S. Bentinho milagroso,
A novena está feita;
S. Bentinho nos permita
Que ela fique bem aceita.

12

S. Bentinho milagroso,
As costas vos vou virar,
Adeus S. Bentinho, adeus,
Até quando cá voltar.

Adeus ao S. Bento de Vizela

The musical score is written on a grand staff with a treble clef and a 3/4 time signature. It features a melody with lyrics in Portuguese. The lyrics are: "S. Ben. ti - nho mi - ta - go - so o ca - mi - nho Pa... dras tem o... ca - mi... nho pe - dras ter... Se não fosse es - to mi - la - gra - ca ci... ma não vi - nha nin - quem a... ci - ma não vi - nha um quem o' ceu o' ceu o' ceu. Ben - d'ito o' ceu o' ceu o' ceu. Ben - d'ito...". The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.

Esta melodia acompanha quase que todos os serões da ribeira Vizela

Algumas destas quadras foram-nos gentilmente indicadas pelo Sr. Professor Francisco Armindo Pereira da Costa, de Vizela, a quem devemos igualmente o grande favor da cedência da melodia dos serões ao S. Bento, que reproduzimos.

Este nosso Amigo mais nos informa que à capela de S. Bento sobem muitos serões vindos de Ravi-

nhade, Santa Comba de Regilde e Barrosas, do Concelho de Lousada. Aquelas freguesias e muitas das que se encontram na arcadura do Concelho de Paços de Ferreira constituem, sem dúvida, a zona mais vasta e fértil destes votos caminheiros e romeirinhos.

De entre muitas quadras que são afins nestes serões, sobretudo nos organizados por aqueles sítios, e não merecem o chapizar repetente dos alterados a-propósitos e das acomodações, destacamos estas, que nos forneceu aquele Amigo Sr. Pereira da Costa:

1

S. Bentinho milagroso,
Acendei as vossas velas,
Que vai aqui um serão
De raparigas donzelas.

2

S. Bentinho milagroso,
Prometi-lhe e vou-lhe dar,
Um lacinho cor de rosa,
Muito bem lhe vai ficar.

3

S. Bentinho milagroso,
Está virado p'ro mar;
Tem cális doiro na mão,
Vamos lá que é p'ra nos dar.

4

S. Bentinho milagroso,
Seu vazinho de açucenas,
Onde se colhem remédios
P'ra todas as nossas penas.

5

S. Bentinho milagroso,
Cercado de margaridas;
Vinde ver a estrada nova
Cheinha de raparigas.

6

S. Bentinho milagroso,
Arranjai-me namorado;
P'ro ano se aqui vier,
Já desejo vir casada.

Senhora da Lapinha.

Na freguesia de S. Lourenço de Calvos, na encosta superior à igreja paroquial, levanta-se em terreno da serra de Santa Catarina desde tempos remotos, que não podem precisar-se, uma capela sob a invocação da Senhora da Lapinha, cuja imagem é uma das mais milagrosas e queridas do Concelho de Guimarães e terras circunvizinhas.

O livro mais antigo que podemos encontrar no arquivo da irmandade é o inventário feito em 1705;

muito antes porém já esta capela existia e a Senhora era objecto de muita devoção (1).

Em 1663 já o célebre clamor, ou *ronda*, de que adiante falamos, ia a Guimarães, como nos informa uma deliberação do Cabido da Colegiada. A própria lenda, que lhe anda ligada, demonstra a antiguidade do culto que se lhe presta.

Provém a denominação de ter sido encontrada a primeira imagem da Senhora numa *lapa*, ou penedo, que servia, até à reconstrução da capela, que há poucos anos começou e ainda não está completa, de fundo à capela-mor; afirma-o a tradição popular, acrescentando o bom povo, na sua ingenuidade, que a Senhora manifestou miraculosamente decidida vontade de ser venerada no lugar onde apareceu, porquanto, levada para outro, desaparecia misteriosamente pela calada da noite, e voltava ao primeiro; facto que, repetido por diversas vezes, produziu a erecção da capela em honra da Senhora da Lapinha, *irmã* da Senhora da Oliveira, venerada na igreja da Colegiada de Guimarães, que anualmente lhe recebe a visita.

A festa principal da titular celebra-se com toda a pompa na segunda-feira do Espírito Santo, e neste dia se determina aquele em que a Senhora vai processionalmente a Guimarães, em regra no domingo imediato a 13 de Junho. Esta procissão, ou clamor, é uma das solenidades mais concorridas, mais singular e característica do Concelho de Guimarães e terras vizinhas à Lapinha. Em satisfação de antigo voto, a Senhora, carregada de adornos, cordões e jóias, ostenta-se donairoza no seu trono, levantado em vistoso andor, que com a refulgência de seus ornatos fere a vista e com a altura da sua cúpula parece caminhar arrogante para as nuvens, o qual é conduzido aos ombros de espaduados moços, que à porfia disputam a honra de sustentar os banzos da charola.

Precedida de inúmeras cruces e guiões, que das freguesias limítrofes e de outras mais distanciadas

(1) É também conhecida por Nossa Senhora dos Campos.

vêm formar-lhe cortejo, e seguida de enorme multidão de devotos, grande parte descalços, a Senhora da Lapinha, anunciada pelo barulho atroador de numerosos tambores, que abrem a marcha, faz anualmente a sua entrada em Guimarães e, após alguma demora na igreja da Oliveira, regressa, por diverso caminho ao já percorrido, à sua capela, entoando o povo durante o percurso de 15 quilómetros, pelo menos, a ladainha dos Santos.

E desde este dia, afirma convicto o povo, o *bicho não mais bole no milhão*.

A musa popular afina as cordas da sua lira e dela tira ternas loas que endereça à Virgem da Lapinha:

1

A Senhora da Lapinha
Com o menino no braço,
Nós a vamos adorar
Com todo o desembaraço.

2

Ó Senhora da Lapinha!
Aqui tens o meu serão,
Já que por milagre saraste
O meu ditoso irmão.

3

Ó Senhora Lapinha!
Vinde abaixo, dai-me a mão,
Eu sou brandinha do peito,
Abafo do coração. (1)

4

À Senhora da Lapinha
No meio daquela serra,
Hei-de-lhe dar uma prenda
Se voltar a esta terra. (2)

5

A Senhora da Lapinha,
Tem um manto que reluz,
Que lhe deram os anjinhos
No descimento da cruz,

6

A Senhora da Lapinha,
Tem um manto coisa linda,
Que lhe deram os anjinhos
Na cidade de Coimbra.

7

A Senhora da Lapinha
Tem um manto coisa boa,
Que lhe deram os anjinhos
Na cidade de Lisboa.

8

A Senhora da Lapinha,
Tem um mantinho dourado,
Que lhe deram os anjinhos
Que ficaram a seu lado.

(1) Explica-se, talvez, este verso por estar a capela situada na encosta do monte e ser trabalhosa, quase por todos os lados, a ascensão para o local, invocando-se por isso o auxílio da Virgem.

(2) Consigna o voto de algum emigrante para o Brasil.

9

A Senhora da Lapinha,
Tem uma meada douro,
Lavada na Fonte Santa,
Corada no Miradouro. (1)

10

A Senhora da Lapinha,
Anda no monte sem roca;
P'ra acabar uma meada
Falta-lhe uma maçaroca.

11

A Senhora da Lapinha,
Anda no seu pinheiral,
A colher as pinhas verdes
Para a noite de Natal. (2)

12

A Senhora da Lapinha,
Bota fitas a voar,
Bota uma, bota duas,
Todas vão cair ao mar. (3)

13

A Senhora da Lapinha,
Ela é muito pequenina;
Da idade de dez anos
Morreu pela fé divina.

14

A Senhora da Lapinha,
É madrinha de Maria;
Eu também sou afilhada
Da Senhora da Abadia.

15

Ó Senhora da Lapinha!
D'orredor de vós andei;
Tantos anjos me acompanhem,
Como de voltas eu dei.

16

Ó Senhora da Lapinha!
De lá vimos a cantar;
Lá nos ficou uma rosa
No meio daquele altar. (4)

De S. Tiago de Lustosa (Paços de Ferreira) e de Santa Eulália de Barrosas (Lousada), sobem ao alto da Penha e de Calvos, inúmeros serões e novenas, com os seus votos e preces a Nossa Senhora do Carmo e à Senhora da Lapinha.

Por intermédio do nosso dedicado Amigo Casimiro Martins Fernandes, que sempre tem acarinhado estas despreziosas *Curiosidades*, e é, em suma, por amor à verdade se diga, uma sensibilidade realíssima que aprecia todas as curiosidades históricas de Guimarães, tivemos a fortuna de enriquecer este capítulo com algumas novas mensagens promissivas desses grupos gorjeantes e pastoris, grupos alegres de sociedade temporária e ritual.

(1) Aldeias nos subúrbios de Guimarães. A primeira afamada pela sua fonte, cuja água é considerada milagrosa. Junto da Fonte Santa foi a primeira residência de S. Gualter.

(2) Conferir com a quadra dedicada a S. Bento das Peras.

(3) Conferir com a quadra dedicada a S. Bento das Peras.

(4) *Guimarães e Santa Maria*, por João Gomes de Oliveira Guimarães, pág. 23.

Miúdas, as romeirinhas, como candeias de azeite, se espevitam no anseio de alumiar, indo à frente, sem fazerem sombra, como as alumiações astrais... Inspiradas pelas ensaiadoras, aprendem a cantar e a rezar, e vão entendendo, do grandioso, do prodígio e do sobrenatural, o mínimo que decorre e se remove sob a rutilação divina, e se não queira saber mais do que se vê e do que se palpa, dentro dos limites dos maiores milagres, que são a saúde, a paz, e o pão de cada dia.

Voltemo-nos então para o espelho das romeirinhas de Barrosas e de Lustosa, a caminho da Lapinha:

1

Senhora da Lapinha,
Nós para cá virmos,
Com as romeirinhas,
De casa saímos.

2

Senhora da Lapinha,
Estrela do Norte;
Já destes saúde
A quem 'steve à morte.

3

Quem esteve à morte,
Quem 'steve a morrer,
Destes a saúde
Com vosso poder.

4

Abram-se essas portas,
Corram-se esses ferros,
Somos as romeiras
Vimos aos remédios.

5

Abram-se essas portas,
Que aí está Jesus,
C'os braços abertos
Pregados na cruz.

Estes versos, na métrica e na ingenuidade, são bem do mesmo feitio e da mesma teiga dos que vamos inscrever abaixo, e pertencem ao estro das cerimónias mensageiras duma larga zona do Concelho de Guimarães.

Do vale de Sande e do ninho aconchegado das verdejantes e fertilíssimas freguesias de Briteiros, por onde ressoam estrofes bernardianas e túbias pastoris, também cortam em várias direcções, com frequência devota, os grupos das romeirinhas.

E na familiaridade dos hábitos caminheiros de meninas peregrinas, afoitas no andar como as lavandiscas pela rusticidade dos arvoredos altos e baixos e dos campos cordilheiros e às escadinhas do nosso presépio minhoto, lá sobem por todos os meandros, sendas e carrochos, no murmúrio mavioso da devoção em marcha de sacrifício, até o Sameiro, Bom Jesus, S. Torcato e Senhora da Lapinha.

É curioso que a cantilena rimada destas bandas de Guimarães, mais ingénua no respeito da prece e da graça, encaixa em versos curtos, e toma por vezes o jeitinho de uma narrativa muito inocente, a quadrar com a métrica dos miúdos passinhos das castas romeirinhas.

1

Senhora da Lapinha,
Aqui vos trazemos,
Nossas romeirinhas
Que vos prometemos.

2

Senhora da Lapinha,
Estrelinha do norte,
Vós destes a saúde
A quem estava à morte.

3

A quem 'stava p'ra morrer,
Senhora da Lapinha,
Minha Nossa Senhora
Nos há-de valer.

4

Nos há-de valer,
Na nossa aflição,
Chamando por ela
De bom coração.

5

Senhora da Lapinha,
Ó que belo dia!
Nós vamos embora
De fazer romaria.

6

Senhora da Lapinha,
Que estais no altar,
Mandai vir os anjos
P'ra nos acompanhar.

7

Senhora da Lapinha,
Deixamos a capela,
Nós vamos embora
E vós ficais nela.

8

E vós ficais nela,
E vós ficais bem,
Deitai-nos a benção,
Para sempre amém.

9

Senhora da Lapinha,
Nós vamos embora,
Deitai-nos a benção
Pela porta fora.

A caminho de Nossa Senhora do Carmo, na Penha. Observamos, na expressão do voto, o arroubo estuante pela maravilha do milagre, e a presença, entre as mensageiras romeirinhas, da promitente, que dará, pela graça obtida, as suas voltas de joelhos:

1

Aqui vem a penitente,
Aqui vêm as romeirinhas;
Vos vimos agradecer
Com as nossas palavrinhas.

2

Nossa Senhora do Carmo,
Nós vimos agradecer,
A cura desta doente
Que já esteve a morrer.

3

Nossa Senhora do Carmo,
Nós estamos a chegar;
Deitai-nos a vossa benção
Lá de cima do altar.

4

Nossa Senhora do Carmo,
Ao redor de vós andei;
Tantos anjos me acompanhem
Como de voltas eu dei.

5

Nossa Senhora do Carmo,
Deita contas ao terreiro;
Deita uma, deita duas,
Deita o rosario inteiro.

6

Nossa Senhora do Carmo,
Outra assim não há igual;
O milagre que fizeste
Não há outro em Portugal.

Romagens a Nossa Senhora da Conceição, Senhora Santa Luzia e Senhora da Madre-de-Deus. Ao redor destas três miudeiras capelinhas alpendradas, muito airosas, mas velhinhas, de séculos, realizam-se os mais movimentados e característicos arraiais, que todos os anos, nos dias das festividades, chamam o rebuliço de muito povo e não duram mais do que uma tarde, até ao anegrar da noite, mas uma tarde muito regalada, entre os namoriscos e a simbólica permuta dos *sardões* e das *passarinhas*.

1

Senhora da Conceição,
É uma Santa sem igual;
Senhora da Conceição,
Rainha de Portugal.

2

Senhora da Conceição,
Outra assim não há igual;
Por todo o mundo há guerra,
Só menos em Portugal.

3

Senhora da Conceição,
Tem um manto bem formoso,
Que lhe deram os anjinhos
No seu dia venturoso.

4

Santa Luzia milagrosa,
Vos vimos agradecer,
A vistinha que me destes,
Estando eu sem nada ver.

5

Senhora da Madre-de-Deus,
Vinde-me esperar ao Cano;
Se não me derem ajuda,
Ainda lá não vou este ano.

6

Mas hei-de ir se Deus quiser,
Minha promessa cumprir;
Com a ajuda das romeiras
Até lá hei-de assubir.

7

Senhora da Madre-de-Deus,
De pequenina tem graça;
Está à beira do caminho,
A olhar para quem passa.

8

Nossa Senhora me disse,
Lá de cima do altar:
— Ó filha, faz por ser boa,
Que eu faço por te ajudar.

9

Ó minha Nossa Senhora,
Nós cá vimos a rezar;
Nós somos as romeirinhas
Que vos vimos cá pagar.

10

Aqui vem esta novena,
Esta novena perfeita;
Nossa Senhora permita
Que ela fique bem aceita.

11

Aqui vem nossa novena,
Nossa novena, serão,
Nossa Senhora permita
Que o doente fique são.

Nas quadras 9, 10 e 11 se alude às romeirinhas, ao serão e à novena, esta como se disse já, composta de nove romeirinhas. Estas novenas, pelo número acrescido de meninas que acompanham o voto da promitente, são quase sempre cantadas a duas vozes.

A caminho de casa, atalhos em fora, as romeirinhas vão louvando e invocando os Santos patronais das suas terras de Barrosas, de Lustosa e de Lousada, etc., etc.

1

S. Tiago de Lustosa,
Tem vinte e cinco janelas;
Quem me dera a liberdade,
De passar por dentro delas.

2

Ó bom Jesus de Barrosas,
Ao céu, ao céu, eu hei-de ir,
Por uma escada de rosas,
Eu lá hei-de assubir.

3

Ó bom Jesus de Barrosas,
Cercadinho de teirógas; ⁽¹⁾
Cercai-me a mim de venturas,
Que eu vos cercarei de rosas.

4

Ó bom Jesus de Barrosas,
Adeus que me vou embora;
Deitai-me a vossa benção,
Ao sair da porta fora.

(1) Planta. O mesmo que torga, termo popular.

5

Ó bom Jesus de Barrosas,
A vossa capela cai;
Ajuntai-vos pastorinhos,
Tirai-lhe a telha, tirai.

6

Ó bom Jesus de Barrosas,
As costas vos vou virar;
Vou vos dar um adeuzinho
Até quando cá tornar.

7

Santo Abade de Figueiras,
Valei-me na minha morte,
E por vossa intercessão,
Alcance eu ditosa sorte.

8

Santa Teresa de Jesus,
A tudo me diz que sim;
Tem uma rosa na mão,
Cortada no meu jardim.

Mais alguns votos de romeirinhas:

1

Santa Águeda milagrosa,
Hoje vos venho pagar,
O leite para meu filho
Que mo ajudou a criar.

2

Nossa Senhora da Lapa,
Nossa Senhora do mar,
Tu salvaste o meu irmão
Que se viu quase a afogar.

E o Minho, onde medram repululadas as posições salutareas de uma doutrina da eternidade, é espiritualmente assim. Em natureza, todo ele é doiradamente respontado de santuários, montanhas sagradas e presépios, e abre-se como um grande Evangelho de neumas e ladainhas em idílica comunicabilidade de virtudes, através de um extenso roteiro geográfico de capelinhas, envolvidoras de fragrâncias maravilhosas e de milagres...